

(transcrição)

Roma, 3 de junho de 1984

O trabalho e a descoberta de uma consciência social

De um discurso de Chiara Lubich no Congresso sobre a Economia e o trabalho, promovido pelo Movimento Humanidade Nova

Caríssimos, como acabamos de ouvir, estamos aqui reunidos representantes de toda a Itália, de outras nações da Europa, e de outros continentes na condição de pessoas do "mundo do trabalho", expressão do Movimento Humanidade Nova, cujo objetivo é encarnar em todas as manifestações da vida concreta o ideal evangélico do Movimento dos Focolares.

Estamos aqui por quê? Porque achamos que, sobre os aspectos da nossa vida cotidiana, que são a economia e o trabalho, o carisma típico do nosso Movimento também tem algo a dizer.

[...]

Mas, procurar o Reino de Deus para nós, membros do Movimento dos Focolares - sabemos-lo - processa-se segundo um certo estilo: nós devemos procurá-lo segundo a via que Deus nos indicou. E esta é uma estrada que não percorremos sozinhos, mas todos juntos. De fato, sentimo-nos filhos de uma época em que o Espírito Santo - porque salienta a Palavra central do Evangelho: "O meu mandamento é este: que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei" (Jo 15, 12) e evidencia a unidade pedida por Jesus ao Pai - chama fortemente os homens a caminhar ao lado dos outros homens, ou melhor, a ser, com todos aqueles que o quiserem, um só coração e uma só alma.

Mas isto comporta importantes e notáveis conseqüências. É típica, por exemplo, para os membros da nossa Obra, desde o seu início, uma expressão concreta, que não pode deixar de ser posta como base de qualquer outra atividade ou consideração relativa ao uso dos bens ou à solução dos problemas sociais: a comunhão dos bens, atuada completamente por alguns ou com a doação regular do próprio supérfluo, por outros.

É aquela base que, tocando pessoal e concretamente cada um, torna mais legítima e frutuosa a procura de todos os outros meios bons e lícitos, para que todos disponham dos meios para viver honestamente e com dignidade.

E uma vez que conhecemos o modo de caminhar na vida unidos, sendo um só coração e uma só alma, temos, então, também a possibilidade de ajudar a humanidade de hoje a alcançar metas muito, muito importantes.

Sabemos, por exemplo, que a sociedade contemporânea é marcada, na sua vida econômica, pelo modo de produção industrial, de tal modo que o homem muitas vezes é considerado inferior à eficiência e ao rendimento da máquina.

O centro de todo o sistema produtivo não é o homem mas a produção em si mesma; o que conta são os bens e não o homem e o seu trabalho.

Hoje, freqüentemente, o trabalho do operário não tem significado para ele porque, embora Deus o tenha feito em função do homem, não concorre para a realização das suas potencialidades de criatividade e inteligência. O trabalho reveste um caráter alienante e, por vezes, também degradante a nível físico mas sobretudo no plano psicológico como trabalho suportado por falta de alternativas, como mero instrumento de sobrevivência. Por isso produz, não raramente, um esvaziamento e a conseqüente rejeição de um tal tipo de trabalho.

Depois, além do esforço físico, existem outros elementos que em algumas regiões ainda pesam sobre o trabalho, como o caráter repetitivo dos movimentos, que faz do homem, em vez de um ser à imagem de Deus criador e portanto sempre renovador, uma máquina que repete os mesmos movimentos, os mesmos gestos.

Em vários casos o trabalho é ainda opressivo, porque explorado em favor de um grupo de homens ou de nações e não em função do próprio homem e de todos os homens.

Por isso - como afirma o Papa - "Não será fácil avançar neste difícil caminho (...) da indispensável transformação das estruturas da vida econômica, se não intervier uma verdadeira conversão da mente, da vontade e dos corações"¹.

E como primeiro fator será necessário reafirmar o primado do homem sobre o capital, sobre a propriedade, sobre as estruturas, criando uma ética do trabalho que considere "que, mediante o trabalho, o homem (...) realiza-se a si mesmo como homem e, num certo sentido, até 'se torna mais homem'"².

Mas é necessária uma segunda conversão e desta vez em todos.

É preciso que o homem faça reemergir em si mesmo, em nome de Deus que o criou, a consciência da sua sociabilidade, do seu caráter social, sem o qual não seria ainda verdadeiramente homem. De fato, outro elemento constitutivo do homem, segundo a Bíblia, além da comunhão com Deus e de ser chamado a procurar o alimento e a dedicar-se ao trabalho, é a sociabilidade - as relações com os outros: com a mulher e com os irmãos. E sabemos o que significa no pensamento de Deus "sociabilidade". Significa amar os irmãos como a si mesmos: como a si mesmos, não menos. Aliás, amá-los com um amor que, pelo fato de provir de várias pessoas, torna-se recíproco e, sendo inspirado por Cristo, gera a unidade.

A esta altura pode-se compreender a importância que demos há pouco ao fato de caminhar juntos na vida, sendo um só coração e uma só alma. É nesta medida que pode ser útil também para a solução dos atuais problemas do mundo do trabalho a nossa espiritualidade coletiva, nascida do Evangelho.

Mediante esta espiritualidade o homem, e portanto cada membro do mundo do trabalho (do proprietário ao administrador, do diretor aos técnicos, dos funcionários aos operários), cada um, para ser solidário com os outros, ama a todos de modo a tornar-se uma só coisa com eles.

Graças a ela somos levados a compreender-nos uns aos outros, a assumir como nossas as dificuldades e os problemas alheios, a encontrar juntos as soluções. Esta espiritualidade leva-nos ainda a descobrir, de comum acordo, novas formas de organização do trabalho. De conseqüência, todos juntos passam a compartilhar e a participar também dos meios de produção e dos frutos do trabalho.

Com que conseqüências?

Se antes, por exemplo, um operário isolado sentia que o trabalho industrializado esmagava e anulava a sua personalidade, porque não via o fruto da sua inteligência e das suas mãos, agora para ele - que sente como seu, verdadeiramente seu, tudo aquilo que diz respeito também aos outros - o trabalho não pode deixar de adquirir um significado, ou melhor, um maravilhoso significado.

É preciso, portanto, redescobrir esta consciência social. É necessário ter a consciência de que, no mundo, a humanidade é uma única família e é preciso viver de modo conseqüente com esta realidade. Tal como numa família natural o décimo filho também sente que é seu tudo aquilo que pertence à família inteira: é seu o pai, é sua a mãe, são seus os bens, a casa, os objetos, o jardim, etc., de maneira análoga cada trabalhador e em particular o operário hoje, para se sentir de novo homem ou melhor "mais autenticamente homem" no seu trabalho, deve considerar como seu tudo aquilo que é produzido pelo mundo industrializado.

Mas todos sabemos: é difícil (e diariamente as notícias confirmam isso), é difícil alcançar tais metas apenas com a boa vontade humana, só com as forças humanas, com uma visão terrena do trabalho.

Sabemos, por exemplo, que foi a solidariedade que levou os operários, no século passado, a lutar contra as injustiças do sistema industrial nascente. "Uma justa reação social", assim a definiu João Paulo II.

Mas, apesar das reais conquistas alcançadas desde então no que se refere à defesa dos direitos fundamentais dos operários, em muitos países, sob sistemas diversos, perduram injustiças ou nascem outras novas.

A verdade é que não basta unir os operários para resolver os problemas econômicos. É preciso unir todos os homens do mundo do trabalho.

Não só, mas o próprio mundo do trabalho está ligado, por si mesmo, a todos os outros setores da convivência humana: ao mundo da política, da moral pública, da saúde, da instrução, etc.

Portanto, para que também o trabalho possa readquirir o seu pleno significado para cada homem, é necessário redescobrir uma consciência social vasta. Ainda mais, como a economia de cada país está ligada à das outras nações, torna-se necessária - como afirma também o Papa - uma consciência social de dimensão planetária.

Mas quem é que pode ajudar o homem a realizar isto plenamente? A considerar-se membro da grande família humana "sem renegar as origens da sua família, do seu povo e da sua nação, nem as obrigações que daí derivam (...)"^a, desde que o homem, rompendo a comunhão com Deus com o pecado, comprometeu e voltou a comprometer gravemente a comunhão com os irmãos e, portanto, a solidariedade humana?

Quem é que pode fazer isso?

Somente Cristo Senhor - que muitas vezes delimitamos à nossa vida privada - e o Seu amor sobrenatural e universal, que se considera um fator limitado à vida de piedade e que, pelo contrário, é um fermento indispensável para toda a existência humana nas suas múltiplas expressões.

É somente com o seu amor que se pode edificar com segurança um mundo onde prevaleçam a justiça e a paz. (aplausos)

E, no que se refere ao trabalho, é somente com o seu amor que o egoísmo e o ódio, considerados por vezes lei essencial da vida social, poderão ser eliminados.

É com o seu amor que se verá que nas comunidades de trabalho é mais eficaz a unidade do que o contraste para melhorar o trabalho. Com o seu amor, a vida da própria sociedade não será compreendida como luta contra alguém mas como empenho para progredir juntos.

Portanto somente uma nova civilização baseada no amor poderá dar uma solução inclusive aos complexos problemas do mundo do trabalho.

É a esta civilização do amor que também nós nos sentimos chamados.

Muitas vezes perguntamo-nos: porque será que Deus nos distribuiu por toda a terra; porque é que formamos uma rede, embora ainda tênue em certos pontos, mas que abraça o mundo inteiro e cujas malhas serão cada vez mais estreitas?

Uma resposta pode ser esta: devemos trabalhar também nós, em nome de Deus, para fazer florescer cada vez mais no coração dos homens esta consciência social mundial; devemos concorrer, nós também, para que surjam em todo o mundo homens plenos do Espírito de Cristo, os quais, formados em contato com culturas de todas as latitudes, possam abrir a estrada a muitos outros e dilatar o coração de muitos sobre o mundo inteiro.

Por isso assistiremos admirados ao florescer de um bem imenso também no mundo do trabalho. Aliás, terá um resultado imprevisível, se pensarmos que exatamente pelo amor cristão recíproco Cristo que disse: "Onde dois ou três estão reunidos no meu nome, ali estou eu no meio deles" (Mt 18, 20) estará de novo presente neste mundo do trabalho. A sua presença espiritual, mas real, estará ali: entre os operários nas oficinas, nas fábricas, nos estaleiros, entre os mineiros; estará com os trabalhadores rurais nos campos, se encontrará entre os comerciantes, entre os funcionários públicos, em todos os ambientes de trabalho.

Ele guiará o mundo do trabalho para o seu verdadeiro destino.

Muitas vezes imaginamos Cristo muito no alto e muito longe de nós. Certamente ele é Deus, mas é também homem, é um de nós, que quer viver também hoje entre os homens e iluminar com a sua sabedoria a beleza e o grande significado do trabalho.

É Cristo, é somente Cristo que libertará completamente o homem trabalhador das novas formas de escravidão do ano 2.000 (aplausos).

É preciso, pois, uma consciência social de dimensão planetária.

Somente homens com a consciência aberta ao mundo inteiro, homens-humanidade, por assim dizer, ou "homens-mundo", segundo a expressão gen, homens que procuram dilatar o próprio coração segundo o coração de Cristo: Homem-Deus, poderão elevar-se hoje àquela dignidade, a que Deus chama cada homem.

Mas para isso é necessária uma visão cristã do mundo. Na verdade há uma concepção materialista do trabalho e da história que afirma o primado da produção (visão capitalista) ou do trabalho do homem como fator determinante da história (visão marxista) prescindindo totalmente do aspecto transcendente.

E há, por outro lado, uma concepção cristã do trabalho e da história que se distingue radicalmente daquelas citadas.

Segundo esta visão, se o homem aceita colocar como base de toda a sua vida, e portanto também do trabalho, o amor universal para com todos os homens, Deus associa-o à Sua obra de criador e de redentor.

Deus criador no sétimo dia descansou, como para dizer que a partir daquele momento tocava ao homem prolongar a Sua Obra.

Com efeito, mediante o trabalho, a natureza recebe a marca do homem, mas uma vez que o homem, amando, vive a sua realidade de imagem de Deus, então a natureza por ele transformada torna-se quase Obra de Deus.

O homem continua, assim, o trabalho de Deus criador.

O homem continua também, de certa forma, a redenção de Cristo.

Sabemos que existe uma íntima ligação entre o cosmos e o homem: o homem foi formado da terra e morre na terra; alimenta-se dos frutos da terra, respira o ar que o circunda... E sabemos que efeito teve o pecado do homem também sobre o cosmos, isto é, destruiu a primitiva harmonia entre o homem e o cosmos.

"Maldita seja a terra por tua causa! - diz o Gênesis. Com trabalho penoso tirarás dela o alimento todos os dias da tua vida" (Gen 3, 17). E a partir daí todo o trabalho humano está inevitavelmente associado ao cansaço e ao sofrimento.

Mas Deus manda à terra o Seu Filho e a redenção, que Ele realiza, alcança o homem na sua totalidade, portanto também no seu trabalho. O cansaço e o sofrimento permanecem mas o homem que ama, através do seu trabalho, colabora de certo modo com o Filho de Deus na redenção do homem, elevando-o a filho de Deus, isto é, àquela realidade que se chama: Reino de Deus.

E pelo homem a redenção atinge a criação. A redenção da criação em Cristo já está realizada. Mas em nós e através de nós se realiza somente na medida em que vivemos segundo o Espírito de Cristo, como diz São Paulo: "a criação aguarda a revelação dos filhos de Deus (...) com a esperança de ser também ela libertada (...). Tem gemido e sofrido até hoje as dores do parto" (Rm 8, 19-22).

Geme e sofre, por quê? Enquanto aguarda os céus novos e uma terra nova.

"Ignoramos o tempo - diz o Vaticano II - em que a terra e a humanidade atingirão a sua plenitude e também não sabemos que transformação sofrerá o universo. Porque a figura deste mundo, deformada pelo pecado, passará certamente, mas a Revelação nos diz que Deus prepara uma nova habitação e uma nova terra"⁴.

Esta transformação, que é antes de tudo um dom de Deus por meio do seu Espírito, também é fruto do empenho do homem, que dela participa à medida que, através da dor e do trabalho, se une à morte de Cristo.

O trabalho, portanto, visto como continuação da Obra criadora de Deus.

O cansaço, como efeito do trabalho, visto como contribuição para a redenção do homem e a restauração do cosmos.

"Vi, depois, um novo Céu e uma nova Terra - diz o Apocalipse - porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido (...). Vi também a cidade santa, a nova Jerusalém (...). Nisto, ouvi uma voz forte que, do trono, dizia: 'Eis a tenda de Deus com os homens. Ele habitará com eles; eles serão o seu povo e ele, Deus-com-eles, será o seu Deus'" (Ap 21, 1-3).

Esta é a visão cristã com que devemos ver o futuro, que a todos espera; visão que podemos sonhar já como sendo nossa, se contribuirmos para atingi-la mediante o trabalho realizado em unidade com Deus, nosso criador e redentor.

Todavia, esta é também a realidade que, de certo modo, podemos antecipar já desta terra, atuando, mediante o amor universal para com todos os homens, aquele Reino que já se pode manifestar e que transforma todos os nossos ambientes de trabalho em "tenda de Deus com os homens". (aplausos)

Será, portanto, uma vida de fé profunda que poderá ajudar também os cristãos do nosso século, em união com todos os homens de boa vontade, a resolver os graves problemas da sociedade atual.

Não deve faltar o nosso contributo nesse sentido.

E, assim como os primeiros cristãos - vivendo de modo radical o amor universal e olhando para o novo céu e para a nova terra que os aguardava no futuro - resolveram quase sem se aperceberem com métodos adequados àquele tempo, as suas questões econômicas (entre eles não haviam necessitados), assim também nós, se tivermos a coragem de acreditar plenamente também hoje em Cristo, de viver com total empenho a Sua palavra e de concretizar o Seu Reino de amor entre os homens, encontraremos os modos e os métodos para que, neste século marcado pela fome, pelas discriminações, pelas diferenças sociais, pelo perigo de catástrofes nucleares, exista o menor número possível de pessoas necessitadas.

Chiara Lubich

- [1.](#) João Paulo II, 1979, *Redemptor Hominis*, n 16, pág. 59.
- [2.](#) João Paulo II, 1981, *Laborem Exercens*, n 9, pág. 36.
- [3.](#) cfr. João Paulo II, *Discurso à OIT*, Genebra, 15.06.1982.
- [4.](#) Concílio Vaticano II, *Gaudium et Spes*, n 39.